



## 3º Seminário de Ciência da Religião Aplicada

### *3<sup>rd</sup> Seminar on Applied Study of Religion*

*Fábio L. Stern\**

**Resumo:** Esse relato tem como objetivo descrever as atividades realizadas durante o 3º Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA), apresentando uma síntese dos principais temas abordados e características do perfil do público presente no evento. O SEMCREA é um evento discente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. O seminário ocorreu no dia 25 de março de 2019, na sala Paulo Freire do Teatro da Universidade Católica de São Paulo, e foi filmado pela TV-PUC.

**Palavras-chave:** Ciência da Religião. SEMCREA. PUC-SP.

**Abstract:** This report aims to describe the proceedings of the 3rd Seminar on Applied Study of Religion (“SEMCREA”, the Portuguese acronym), as well as present a summary of the main themes discussed and the profile of the audience present at the event. SEMCREA is an event of the Graduate Program in Study of Religion of the Pontifical Catholic University of São Paulo. The seminar took place on March 25, 2019, in the Paulo Freire room of the Theater of the Catholic University of São Paulo, and it was broadcast on TV-PUC.

**Keywords:** Religionswissenschaft. SEMCREA, Pontifical Catholic University of São Paulo.

Ocorreu na segunda-feira, dia 25 de março de 2019, a terceira edição do Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA), evento discente do Programa de Estudos Pós-Graduados (PPG) em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O evento foi organizado por Fábio L. Stern, Sabrina Alves, Valeska Freman Bezerra de Freitas Silveira e Rodrigo Oliveira dos Santos. O seminário teve local na sala Paulo Freire, do Teatro da Universidade Católica de São Paulo (TUCA), das 9h às 16h, e foi filmado pela TV-PUC.

Onze trabalhos foram aprovados pela comissão científica do seminário e apresentados durante o evento. Assim como na edição do ano anterior, o 3º SEMCREA manteve a política de temática livre, o que permitiu uma maior diversidade nas propostas recebidas, além de submissões efetuadas por profissionais de fora da Ciência da Religião.

No período da manhã, foram debatidos textos de viés mais teórico sobre o que é o fazer dos cientistas da religião, e as implicações filosóficas, profissionais, teóricas, metodológicas, éticas e epistemológicas da existência de um ramo mais pragmático da Ciência da Religião. Após a pausa para o almoço, propostas mais autorais pela aplicação profissional de cientistas da religião na sociedade brasileira foram apresentadas ao público.

---

\* Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP). Bolsista PNPd/CAPES pelo PEPG em Ciência da Religião da PUC-SP. Contato: [caoihim@gmail.com](mailto:caoihim@gmail.com) - <https://orcid.org/0000-0001-5642-0299>.

A abertura foi feita por Stern, seguido da apresentação de Costa e Mendia sobre os desafios da Ciência da Religião enquanto ciência aplicada. Costa resgatou a divisão clássica de Joachim Wach para a Ciência da Religião, que a divide entre um ramo de estudos empíricos/históricos sobre as religiões e outro ramo de estudos sistemáticos da religião. Sua apresentação defendia que a Ciência da Religião aplicada seja considerada como um terceiro ramo autônomo nesse modelo de Wach, o qual seria retroalimentado pelas teorias oriundas do fazer dos dois ramos clássicos enquanto ciência base, e também geraria, pela aplicação social concreta, novos problemas de pesquisa a serem solucionados nos estudos desses outros dois ramos.

O trabalho de Mendia discutiu a utilidade da Ciência da Religião, em específico a preocupação da sociedade brasileira frente à produção de um conhecimento acadêmico que seja útil à sociedade mais ampla. Em sua fala, defendeu uma maior necessidade, para além do próprio desenvolvimento de um ramo de ciência aplicada na Ciência da Religião, de mais pesquisa de campo entre os trabalhos de cientistas da religião. Segundo sua argumentação, ao ir a campo para produzir ciência base, o cientista da religião também pavimenta terreno importante para reconhecimento social e possibilidades de futuras aplicações profissionais para a área.

Na sequência, o trabalho de Sales e Melo foi apresentado por Sales, o qual apresentou as questões dos comitês de ética em pesquisa, das resoluções do Conselho Nacional de Saúde sobre o estudo com seres humanos, e como isso afeta o fazer científico da Ciência da Religião. Esse trabalho alertou para a baixa presença de cientistas da religião nos comitês de ética em pesquisa, além de uma adesão ainda baixa dos cientistas da religião na submissão de seus projetos de pesquisa para apreciação dos comitês em questão.

Passos discutiu, então, o território complexo do fazer da Ciência da Religião quando em diálogo com os valores religiosos. Sua fala teve por objetivo problematizar a noção de que a Ciência da Religião é uma ciência totalmente desinteressada e isenta de valores. Pautado na epistemologia, Passos comentou que há alguns valores – alguns religiosos, inclusive – que perpassam uma suposta postura profissional ética esperada no meio da Ciência da Religião. Citou como exemplo o combate à intolerância religiosa, o qual considera ser inegável na Ciência da Religião, e também o reconhecimento de que existem diversas religiões e que nenhuma deve estar acima da outra, o que promove o diálogo religioso.

A última mesa da manhã foi composta pelo presidente da IAHR, Tim Jensen, e pelo coordenador do PPG em Ciência da Religião da PUC-SP, Frank Usarski. Jensen participou por videomídia, explicando os perigos que um cientista da religião enfrenta ao se tornar uma figura pública. Sua fala foi balizada por discussões que ocorrem na Ciência da Religião internacional, dialogando com autores da América do Norte e da Europa sobre as armadilhas sociais que um cientista da religião enfrenta ao descer de sua “torre de marfim” acadêmica e falar com as grandes massas. Em sua leitura, não é possível ao cientista controlar como o grande público reagirá e, com isso, corre-se o risco de deixar de ser um respeitado acadêmico para se tornar um político ou um messias disfarçado.

A fala de Usarski seguiu o mesmo caminho da de Jensen. Usarski discordou da fala de Oliveira, declarando que não reconhece a Ciência da Religião aplicada como

um ramo independente ao pensar o esquema original de Wach. Para Usarski, a aplicabilidade da Ciência da Religião sempre esteve prevista desde a sua fundação. No entanto, citando Cavallin, Usarski atentou para o fato de que tentativas de aumentar a participação social de cientistas da religião, ferindo-se os pressupostos metodológicos básicos da área, acabam por configurar um grande perigo à autonomia da Ciência da Religião enquanto instituição acadêmica independente da política e da Teologia, indo na contramão da própria história científica da disciplina em âmbito mundial.

No período da tarde, os trabalhos foram retomados por Montalvão, quem apresentou a possibilidade de cientistas da religião atuarem diretamente com as Ciências do Patrimônio – Arqueologia, Turismologia e Museologia –, enquanto profissionais remunerados. Ele frisou a atual conjuntura do Brasil, em que estudantes de graduação acabam por ocupar, como voluntários, vagas como as de guias de museus e outras formas similares de aplicação do conhecimento sobre as Ciências do Patrimônio; vagas que, em uma análise distanciada, poderiam estar sendo contempladas profissionalmente pelos egressos dos cursos de Ciência da Religião.

Na sequência, Lisbôa e Gurgel falaram sobre sociedade, intolerância religiosa e o caso dos diálogos entre Ciência da Religião, Jornalismo e Pedagogia. A fala de Lisbôa, em especial, gerou grande debate público entre os presentes, por ter apresentado o caso da revista “Veja”, declarando que ela fez uma leitura equivocada dos eventos do 11 de Setembro por não ter profissionais especialistas em Islã para orientar a produção da revista. Isso foi desmentido por um jornalista, ex-funcionário de “Veja”, que estava presente ao evento e que declarou que a Veja possuía um quadro amplo de especialistas (embora nenhum cientista da religião), e que a opção por retratar o Islã como “naturalmente terrorista” foi uma escolha editorial consciente dos donos da própria revista.

Na última mesa, o historiador Bastos comentou sobre sua experiência, enquanto profissional de fora da Ciência da Religião, em descobrir a área durante sua formação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e de como isto influenciou não apenas a sua postura no estudo das religiões, mas seu próprio modo profissional de lidar com sua área de origem. Ele citou que os cursos de História não priorizam a religião enquanto objeto de estudo, afirmando a necessidade de maiores diálogos e aplicações dos saberes da Ciência da Religião para outras áreas.

Os trabalhos do seminário foram encerrados por Laranjeira, que apresentou uma nova proposta para a educação. Saindo do lugar-comum do ensino religioso pautado na Ciência da Religião, Laranjeira defendeu que todos os cursos de licenciatura deveriam ter uma disciplina de Ciência da Religião para preparar os futuros professores à lida com a diversidade religiosa em sala de aula e coibir posturas de intolerância religiosa entre os estudantes e colegas.

Sobre o público presente, segundo dados da organização do evento, 82,9% possuíam vinculação institucional com a PUC-SP, o que demonstrou, ainda, o caráter fortemente localizado do evento. Dos outros participantes, houve pessoas do Centro Universitário de Belo Horizonte, da PUC-Goiás, das Faculdades EST e USP, além de um participante que declarou ser profissional autônomo. Diferente do ano passado, em que a maioria dos participantes era mulheres, neste ano 60,9% dos participantes do seminário foram homens.

Dos presentes, 2,4% declararam possuir graduação em Ciência da Religião e 4,8% estavam cursando a graduação no período do evento. Do total, 48,8% eram estudantes de Ciência da Religião em nível de pós-graduação. De modo geral, 31,7% do público possuía alguma formação concluída em Ciência da Religião, seja em nível de graduação, especialização, mestrado ou doutorado. Apenas 19,5% do público presente não possuíam nenhuma formação ou relação mais direta com a Ciência da Religião.

Dos que não eram graduados em Ciência da Religião, 31,7% eram graduados em Teologia, 24,3% em Filosofia, 14,6% em Pedagogia ou Educação, 12,1% em História e 9,7% em Psicologia. Havia, também, pessoas graduadas em Administração, Antropologia, Ciências Sociais, Direito, Educação Física, Engenharia, Jornalismo, Letras e Terapia Ocupacional.

Em suma, foi notado um aprofundamento importante nas discussões do ramo aplicado da Ciência da Religião no presente evento, com um enfrentamento honesto dos limites da aplicabilidade da Ciência da Religião, tanto quanto da urgência social pelo saber especializado em religião. Observando o que foi discutido, pode-se dizer que o evento cumpriu seu objetivo de semear ideias sobre a profissionalização de cientistas das religiões.

Para quem não esteve presente, mas deseja assistir às mesas do evento, elas estão disponíveis em vídeo pelo website da TV-PUC (<http://www.tvpuc.com.br/>).

Recebido: 29 de março de 2019.

Aprovado: 13 de abril de 2019.